ISSN 1983-9979
prolíngua

O PORTUGUÊS POTIGUARA REVERBERADO A PARTIR DAS VOZES DO MANGUE*

THE POTIGUARA PORTUGUESE LANGUAGE REVERBERATED FROM THE VOICES OF THE MANGROVE FORESTS

PERONHE'ENGA POTĨGUARA SUNUNGABÉ GUAPARA'YBA NHE'ENGA SUÍ

Ivanilza Cinesio Gomes[1]
Carolina Coelho Aragon[2]

RESUMO: O processo de ocupação territorial ao longo dos séculos e o contato incisivo com não indígenas culminou em diversas mudanças na vida dos Potiguara. Um dos âmbitos em que ocorreu alteração drástica foi o da língua. Os antepassados do povo Potiguara eram falantes da língua Tupi (Tupinambá), mas, atualmente, a maior parte dessa população tem domínio apenas da língua portuguesa. O presente trabalho tem como objetivo realçar a identidade linguística do povo Potiguara da Paraíba, a partir de sua conexão com o mangue, identificada na dissertação Estudos do Léxico Potiguara (PB): Linguagens do Mangue e Identidade. Os principais teóricos que contribuíram para a compreensão do Português indígena e, consequentemente, do português Potiguara foram Gumperz e Cook-Gumperz (1982), Maher (1996, 1998) e Gorete Neto (2005, 2021, 2022). Como procedimentos metodológicos foram realizados estudos de campo, entrevista com indígenas Potiguara que trabalham no mangue e estudo comparativo dos itens lexicais registrados nas entrevistas e com dados provenientes de dissertações e artigos científicos, além de dicionários de língua portuguesa e de língua Tupi. Das 81 palavras que coletamos com os colaboradores, 16% foram encontradas em dicionários de Tupi e 18% nos dicionários de língua portuguesa. Do total, 58% dos itens lexicais não foram encontrados em nenhum material consultado na pesquisa, o que, a partir dessa análise inicial, sugere uma singularidade e uma especificidade de parte do vocabulário Potiguara.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Potiguara da Paraíba. Português Indígena. Português Potiguara. Mangue. Identidade. Sociolinguística.

ABSTRACT: The process of territorial occupation throughout the centuries and the incisive contact with non-indigenous people culminated in several changes in the lives of the Potiguara. For instance, drastic changes affected the language. The ancestors of the Potiguara people were speakers of the Tupi language, but most of the population currently only speaks Portuguese. This study aims to highlight the linguistic identity of the Potiguara people of Paraíba, based on their connection with the mangrove forest, identified in the dissertation "Studies of the Potiguara Lexicon (PB): Languages of the Mangrove and Identity". The main theorists who contributed to understanding Indigenous Portuguese and, consequently, Potiguara Portuguese, were Gumperz and Cook-Gumperz (1982), Maher (1996, 1998), and Gorete Neto (2005, 2021, 2022). The methodological approach involved fieldwork, interviews with Potiguara Indigenous people working in the mangrove swamps, and a comparative study of lexical items obtained through interviews, dissertations, scientific articles, and Portuguese and Tupi dictionaries. Of the 81 words collected from collaborators, 16% were found in Tupi dictionaries and 18% in Portuguese dictionaries. Of the total, 58% of the lexical items were not identified in any of the sources consulted in

* Data de Submissão: 29.06.2026 – Data de Aceite: 01.09.2026 | DOI: 0.22478/ufpb.1983-9979.2026v21n1.79070

[1] Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Federal da Paraíba - ivannilzacinesio@gmail.com – https://orcid.org/0009-0003-6874-9595

[2]Doutora em Linguística pela University of Hawaii e docente da UFPB/PROLING– carolinac.aragon@gmail.com – https://orcid.org/0000-0001-9459-9939

this research, suggesting, based on this initial analysis, the singularity and specificity of part of the Potiguara vocabulary.

KEYWORDS: Potiguara people of Paraíba. Indigenous Portuguese. Potiguara Portuguese. Mangrove Forests. Identity. Sociolinguistics

MIMOMIRÎ: Kó tetama moposaguera rekó sendybetá pukúi a'e abaeté sykatã karaíba nabaeteruã resé a'e oimoingó Potîguara rekobé rekoaboketá. Oiepé mba'e sekoabokypyruerusu i nhe'enga. Potîguara anama ramyipagueretá Tupi (Tupinambá) nhe'enga rupi onhe'engyba'epuera, a'ete, ko'yr, aipó abatyba pesembuerusu e'ikatu peronhe'enga rupi nhõ onhe'engatuabo. Kó morabyky remiekara Potîguara Paraibyguara nhe'ekuapaba rekoesaba moiekuapábamo oikó, guapara'yba resé ioguerekó suí, kó dissertação nhembo'esabusu Potîguara (PB) nhe'endybeté resenduara pupé: Guapara'yba nhe'engabetá tekoesaba bé. Tekokuaparusu oporopytybõba'epuera Peronhe'engabaeté kuaba resé, irõ, Peronhe'epotîguara resebé a'e Gumperz a'e Cook-Gumperz bé (1982), Maher (1996, 1998) a'e Gorete Neto (2005, 2021, 2022). Mba'emonhangaba rekóramo oré oroimonhang nhũ pupé nhembo'esaba, abaeté Potîguara guapara'yba pupé marãtekoara monhe'enga nhembo'esaba mba'eetá ra'angaba abé Potîguara nhe'endybeté mba'e moromonhe'enga pupé ikuatiapyruera a'e iekuapaba abé dissertação artigo abé suixuara, marandé peronhe'enga resé tupinhe'enga resebé nhe'engurueteetá. A'e 81 oré pytyboana nhe'engetá oré rembiaruera, 16% oré oroguasem Tupinhe'engurueté supé, a'e 18% peronhe'engurueté supé. Opamba'e suí, 58% nhe'engeté mba'e supé oré noroguasemi amõ mba'eetá tekokuabekara pupé oré guasembaguera pupé, emonã, mba'e ra'angabypy suí, aipó oikuabe'eng oiepemba'e aé, oiepé Potîguara nhe'enguru rekoesaba resé.

NHE'ENGOKENDABA: Potîguara Anama Paraibyguara. Peronhe'epotîguara. Guapara'yba. Tekoesaba. Abatynhe'ekuapaba.

1 Considerações iniciais

Em decorrência do processo de colonização, de imposições e de contatos incisivos com não indígenas, alguns povos indígenas brasileiros falam apenas a língua portuguesa. No entanto, mesmo não falando mais a língua indígena de seus antepassados e sendo falantes da língua dominante (o português), há em seus falares características marcadas por traços socioculturais específicos de seus territórios, de sua língua ancestral.

Tendo como foco os Potiguara da Paraíba, podemos afirmar que nos dias atuais, esse povo, especialmente devido à inserção das escolas indígenas no território, tem a possibilidade de aprender a língua utilizada por seus ancestrais. Contudo, mesmo com a implantação, não são muitos os indígenas Potiguara que falam a língua Tupi, Tupi Potiguara, a qual ainda necessita de atenção quanto aos outros setores sociais da vida Potiguara. Porém, com a retomada da língua por jovens dessa etnia, o processo de revitalização está se desenvolvendo para outras instâncias além da escolar.

Destacamos que tais esforços têm sido bastante significativos no território, todavia, enquanto parte majoritária da população Potiguara se comunica somente por meio da língua portuguesa, se faz necessário evidenciar as marcas identitárias desse povo que vem sendo transmitidas a partir do português. Tendo como destaque o léxico utilizado no mangue, tais especificidades foram destacadas, na dissertação de mestrado intitulada Estudos do Léxico Potiguara (PB): Linguagens do Mangue e Identidade (Gomes, 2025). Assim, o presente artigo faz um recorte da referida obra, no que tange à relação entre o povo Potiguara da Paraíba e o manguezal, bem como o português Potiguara. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo realçar a identidade linguística do povo Potiguara da Paraíba, a partir de sua conexão

com o mangue, identificada no texto Estudos do Léxico Potiguara (PB): Linguagens do Mangue e Identidade.

De acordo com Soffiati (2023), os povos originários já frequentavam os manguezais antes mesmo que os colonizadores pensassem em usufruir dele. Além disso, autores como Bandeira (1920) e Pereira (2020) destacam a continuidade do contato entre o povo Potiguara e o mangue ao longo dos anos. Podemos afirmar, portanto, que sendo os indígenas os primeiros a possuir vivências no manguezal, eles foram os primeiros a dar nomes aos seres que habitam o mangue, seus tipos de solo, plantas, pássaros, entre outros. E, mesmo passando a usar a língua portuguesa, o contato com o mangue não cessou. Fato que corroborou com a permanência de alguns itens lexicais de origem Tupi no vocabulário dos Potiguara que trabalham no mangue, assim como o uso de itens lexicais que reforçam a existência de um português indígena, mais especificamente, um português Potiguara.

2 O português indígena

Atualmente o Brasil contém um total de 307 etnias, no entanto, muitos desses povos não são falantes de sua língua originária. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2025) dos 1.694.836 indígenas, apenas 28,51% são falantes da língua indígena de seu povo.

Há no imaginário de parte da população brasileira que os indígenas devem ter socialmente, linguisticamente, religiosamente e culturalmente características específicas distintas da dos não indígenas, todavia, acaba-se por esquecer todo processo de massacre e de silenciamento ocorrido ao longo da colonização e da imposição sofrida para que tais características fossem, ao longo dos anos, perdidas, especialmente, por parte dos povos indígenas da região Nordeste do Brasil (Maher, 1996; Gorete Neto, 2005).

Ademais, devemos ter ciência de que a cultura e, consequentemente, a identidade, de um modo geral, possuem uma dinamicidade, visto que ambas não são estáticas, pelo contrário. De tal modo, não se é menos ou mais indígena por seguir determinada cultura ou falar determinada língua (Maher, 1996; Gorete Neto, 2005, 2021). Cabe aqui destacar uma reflexão importantíssima feita por Maher (1996, p. 19) que diz: “a cultura indígena não define o índio, mas ao contrário, porque o indivíduo é índio, a cultura de que ele é portador é definida como sendo indígena”.

É sabido que além de traços físicos e costumes, a língua é um fator predominante quando se discute identidade. Lamentavelmente, paira sobre o imaginário de grande parte da sociedade que a identidade possui regras e leis predeterminadas e indiscutíveis, contudo, ela não possui um formato padrão, visto que sua formação é tida a partir de possibilidades múltiplas (Gumperz, Cook-Gumperz, 1982; Maher, 1996; Hall, 2006). Portanto, a construção da identidade deve ser analisada e percebida enquanto algo dinâmico e que possui processo contínuo (Maher, 1996; Hall, 1990, 2006). Vale acrescentar que tais padrões, nos quais tentam a todo momento encaixar os povos indígenas, se dão, muitas vezes, diante da tentativa de deslegitimação das lutas desses povos, bem como de seus direitos (Maher, 1996; Gorete Neto, 2005).

Gumperz e Cook-Gumperz (1982) e Maher (1996), além de outros autores, consideram que a identidade pode e deve ser analisada por meio da linguagem, uma vez que compreendem que a identidade, etnicidade e linguagem têm ligação determinante. Defendem que a etnicidade e a identidade conseguem ser mantidas por meio da linguagem, ainda que determinado povo não mais fale a língua de seus antepassados. Fato é que a língua, independente de sua categoria/classificação, é um instrumento significativo para os povos indígenas, não apenas para que possam identificar-se enquanto sendo parte de uma etnia, como também pela

possibilidade de ser protagonista no que se refere à contação de suas histórias, além de ser fundamental para ocupar espaços de poder na sociedade atual. Ou seja, a língua usada pelo indígena não precisa ser necessariamente a língua de seus ancestrais, uma vez que sua identidade é marcada, independentemente, da língua utilizada pela comunidade (Maher, 1996, 1998; Gorete Neto, 2005, 2021).

Diante do exposto, é possível dizer que mesmo com o fato da língua originária não ser mais usada nos diversos espaços sociais de determinadas comunidades, povos indígenas brasileiros que hoje são falantes monolíngues da língua dominante, o português, possuem nos aspectos linguísticos de seu falar a identidade indígena de seu povo. Essa é uma teoria que autoras como Maher (1996, 1998) e Gorete Neto (2021, 2022) defendem, intitulando essa língua de "português indígena".

De acordo com Gorete Neto (2021, p. 94-95), esse "português indígena":

> não se confunde com falar português gramaticalmente incorreto ou com incorreções ortográficas. A variedade indígena do português carrega a memória das línguas ancestrais indígenas, na estrutura, no vocabulário e na organização do discurso. Essas características não trazem prejuízo ao entendimento do português, ao contrário, mostram a potente resistência dos povos indígenas ao construírem suas identidades indígenas através da língua portuguesa.

Maher (1996, 1998) acredita que a identidade étnica permanece, tendo em vista que a identidade de um povo indígena pode ser construída por meio de qualquer língua. Ainda refletindo a respeito da construção da identidade, parafraseando Gorete Neto (2005), a identidade se vale de meios que possam materializá-la e a língua é um instrumento possível dessa materialização.

É, portanto, por esses vieses que povos indígenas que não têm domínio da língua de seus antepassados e que diante do contato incisivo com não indígenas—consequência de séculos de imposição—, mesmo assim possuem identidade singular representada por meio da língua que falam atualmente (Silva, 1994; Maher, 1996; Gorete Neto, 2005, 2021, 2022). Gumperz e Cook-Gumperz (1982), Maher (1996, 1998) e Gorete Neto (2005, 2021, 2022) evidenciam que mesmo em casos de uma população indígena falar a língua majoritária do país, esse povo pode, por meio dessa nova língua, construir sua identidade linguística e étnica.

Considerando o contexto histórico, especialmente dos povos indígenas do Nordeste, é perceptível que a língua portuguesa foi inserida no seio indígena como forma de imposição e de silenciamento, mas, ainda assim, esses povos conseguiram ressignificar a língua portuguesa de modo que seu uso fosse favorável às necessidades indígenas. Ademais, essa língua portuguesa usada pelos povos indígenas leva consigo as memórias, as histórias e os saberes indígenas (Maher, 1996; Gorete Neto, 2005, 2021, 2022). Destacamos ainda que as marcas da ressignificação da língua portuguesa, no contexto indígena, são perceptíveis no discurso, na escrita e especialmente no léxico (Maher, 1996; Gorete Neto, 2022).

3 Os Potiguara da Paraíba

O povo Potiguara teve contato com os portugueses desde 1501 e sofreu com ataques dos colonizadores desde 1574. Por 25 anos, quase ininterruptos, lutou contra a dominação do colonizador. No entanto, os portugueses massacraram e escravizaram milhares de Potiguara (Moonen, 1986). Não somente os Potiguara, diversos outros povos também sofreram massacres e escravizações semelhantes.

Segundo Moonen (1986), a língua originária dos Potiguara era o Tupi (língua Tupinambá), mas em 1913, de acordo com Ribeiro (1982), não havia Potiguara que falasse outra língua senão o português, e esse povo já não carregava mais fenótipos que fossem possíveis os identificar enquanto indígenas. Quanto ao fenótipo, podemos citar as diversas investidas da Coroa e do Estado, como por exemplo, o Diretório Pombalino, para que a figura europeia fosse vista pelos indígenas como superior e que houvesse miscigenação no país, preferencialmente, entre indígenas e portugueses. Mesmo depois de serem amparados por leis que os permitiam praticar suas religiões, culturas, línguas e costumes tradicionais, muitos povos indígenas, entre eles os Potiguara, por muito tempo, recearam praticá-las, seja pelas lembranças do que seus parentes viveram, seja por receio à opinião pública (Moonen, 1986; Moonen, Maia, 1992).

Nos dias atuais, os Potiguara ocupam, majoritariamente, algumas cidades do litoral norte da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. E, como outras populações indígenas, o povo indígena Potiguara da Paraíba encontra-se em diversos lugares do país, todavia, concentra-se, especialmente, no litoral norte da Paraíba entre os municípios de Marcação, Baía da Traição e Rio Tinto. O território Potiguara está distribuído em 32 aldeias que se localizam nos três municípios citados. Os Potiguara são descritos por Moonen e Maia (1992), Moonen (1986), Barcellos (2012), dentre outros estudiosos, como sendo o único povo indígena da costa brasileira que permaneceu em seu local de origem. Barcellos (2012, p. 1, grifo do autor) aponta que os Potiguara podem ser vistos como, no Nordeste, "um dos poucos exemplos de povos indígenas que se fixaram na "mãe terra" e conseguiram que sua etnia e suas tradições culturais e religiosas fossem relativamente preservadas, mesmo com toda imponência do invasor".

Atualmente, os Potiguara da Paraíba desfrutam de diversas riquezas naturais, alguns exemplos são, os rios, mar, maré, lagoas, nascentes, cachoeiras, matas e manguezais. Para os Potiguara, os recursos naturais que possuem em seu território vão para além da questão econômica e lazer, pois tais ambientes significam também a conexão com a espiritualidade Potiguara. Isso acontece porque, além da possibilidade desses ambientes trazerem conforto e renda aos Potiguara, é por meio desses locais que pode ser promovida conexão com as forças da natureza, sua espiritualidade singular, a presença e a força dos encantados, seres de luz e antepassados (Palitot, 2005; Gerlic, Zoettl, 2011; Barcellos, 2012; Cardoso, Guimarães, 2012; Braga, 2019; Pereira, 2020).

Devido aos anos de contato com não indígenas, muitas características do povo Potiguara, como por exemplo, o aspecto físico, alguns costumes e vivências, mudaram drasticamente. Não foi diferente com a língua falada.

4 O manguezal e sua importância para os Potiguara

Popularmente conhecido como mangue, o manguezal é uma área de mata composta por diversas plantas denominadas mangue. De acordo com Cardoso e Guimarães (2012, p. 31), o "solo de lama acinzentada ou lama com areia" é o tipo de terra propício para esse ambiente. O solo do manguezal varia de acordo com as fases da maré e/ou da lua (Cardoso; Guimarães, 2012; Bernardo, 2023).

Segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) (2015), os manguezais contêm importância econômica devido às variedades de serviços e bens oferecidos à população, os quais possibilitam a manutenção de culturas, tradições e sobrevivência de comunidades tradicionais e ribeirinhas. Em meio a tais atividades, se encontram as possibilidades turísticas e os diversos tipos de pesca.

ISSN 1983-9979
prolíngua

Ainda de acordo com a ICMBio (2015), o manguezal é um ecossistema localizado na costa, reconhecido como um dos mais produtivos da terra. Estima-se que sua extensão total no mundo seja de aproximadamente 138 mil km², dos quais cerca de 7% encontram-se no Brasil correspondendo a uma área aproximada de 10 mil km² (ICMBIO, 2015).

No que se refere à sua localização no território Potiguara, os manguezais ficam, especificamente, entre "Mamanguape, ao sul, e [...] Camaratuba, ao norte do território", compreendendo as aldeias Acajutibiró, Brejinho, Caieira, Camurupim, Coqueirinho, Jaraguá, Tramataia, Três Rios e Val (Cardoso, Guimarães, 2012, p. 31).

Historicamente, de acordo com Soffiati (2023), os povos que habitavam as terras que hoje correspondem ao Brasil, já estabeleciam relações de sacralização com a natureza, incluindo os manguezais. Ainda de acordo com Soffiati (2023, p. 181), "brancos pobres e negros escravos devem ter aprendido a buscar alimentos nos manguezais com os nativos". Podemos relacionar o contato milenar que os Potiguara possuem com o manguezal a partir da afirmação de Pereira (2020, p. 24) ao dizer que as populações de cultura e língua Tupi "ocupavam todo o litoral do Brasil desde São Paulo até o Ceará, beneficiando-se dos recursos ecológicos das áreas de Mata Atlântica e manguezais nos estuários dos rios". Outro fator que nos permite sustentar a relação dos Potiguara com o manguezal historicamente é o relatório de Bandeira (1920), o qual menciona os principais modos de subsistência dos Potiguara, ressaltando o manguezal, dando ênfase na "pega" de caranguejo e marisco. Portanto, afirmamos que, há centenas de anos, o mangue está presente na vivência dos Potiguara.

O mangue é um recurso natural riquíssimo que contribui grandemente para a alimentação e para a vida dos moradores de determinadas aldeias. Evidenciando o cotidiano dos Potiguara, Palitot (2020, p. 125) enfatiza que:

> O manguezal e o rio Mamanguape são os dois elementos mais importantes na ecologia das Terras Indígenas e na vida das comunidades. As atividades de pesca e coleta nesses dois ecossistemas são exercidas por moradores de várias aldeias e não apenas daquelas situadas próximas ao rio.

O trabalho no mangue possibilita a "pega" de caranguejo, aratu, siri, de peixes como o amoré, entre outros seres que habitam esse ambiente (Gerlic, Zoettl, 2011; Cardoso; Guimarães, 2012; Pereira, 2020; Bernardo, 2023). A coleta possibilita tanto a alimentação do trabalhador e de sua família, como a venda. No caso de vendagem, o trabalhador tem a possibilidade de sustentar-se mediante o valor alcançado com a venda dos crustáceos e/ou peixes retirados do mangue.

Muitos indígenas e não indígenas optam por se deslocar até as aldeias que possuem manguezal para dali tirar o sustento. Ademais, as pessoas que trabalham no mangue têm a possibilidade de usufruir de seus benefícios a qualquer horário, a depender de suas necessidades, podendo trabalhar em um único ou mais de um horário, de sua preferência e, especialmente, a depender dos ciclos da maré (Araújo, 2018).

O conhecimento Potiguara sobre o mangue referente às formas como coletar e/ou capturar os seres existentes no mangue, quanto aos ciclos da maré, assim como o conhecimento de cada camboa[3] e rego[4] existente no manguezal do território e o aspecto, seja de boas possibilidades, seja de dificuldades que cada camboa e rego pode proporcionar a quem trabalha

[3] Espécies de passagens que são compostas por córregos de águas salgadas.

[4] Córregos mais estreitos que possibilitam acesso, especialmente, para a realização de pescaria com redes. Geralmente possuem largura capaz de comportar espaço somente para uma canoa.

no mangue, em sua maioria, é passado de pai para filho (Cardoso, Guimarães, 2012; Araújo, 2018).

Autores como Gerlic e Zoettl (2011), Cardoso e Guimarães (2012), Barcellos (2012) e Araújo (2017, 2018, 2023) afirmam que, os Potiguara da Paraíba consideram o manguezal como sendo um ambiente de alta importância para o contexto Potiguara, importância essa que vai desde a possibilidade de manter a família até a oportunidade de conectar-se com a natureza e com o mundo dos encantados.

Em estudos referentes aos ambientes frequentados cotidianamente pelos Potiguara da Paraíba, Araújo (2017, 2018) aponta o mangue como um dos principais meios de vida para muitos Potiguara, como mencionado previamente. Ela ressalta que trabalhar no mangue requer técnicas, conhecimentos e práticas que são desenvolvidas ao longo de anos. Afirma ainda que o conhecimento de quem trabalha no mangue não se limita às técnicas e às práticas para pegar determinada espécie de molusco ou crustáceo. Seu conhecimento também versa um saber diário, mensal e anual, referente às fases da maré, tendo em vista a influência da lua, ao período de reclusão e reprodução das espécies que habitam o mangue, além do conhecimento referente aos tipos de solo do manguezal, de espécies de mangue e seres que habitam o mangue, como peixes, pássaros e animais (Araújo, 2017, 2018).

O mangue não somente possibilita aos moradores seu sustento, como também a conexão com as forças da natureza, de seus elementos, construindo, assim, sua identidade. Os momentos tidos nesse ambiente podem ser de forma coletiva ou individual, uma vez que podem ser momentos cotidianos, mas íntimos, que oportunizam reflexão, sentimento de pertença e conexão. É por meio de momentos, muitas vezes cotidianos, de simples contatos com o ambiente citado ou com o repasse de vivência de seus parentes mais próximos, que os Potiguara da Paraíba alcançam conhecimentos dele e dos seres que nele habitam, bem como aprendem e praticam as tradições, costumes e os conceitos morais (Palitot, 2005; Marques, 2009; Araújo, 2017, 2018, 2023; Felix, 2018).

5 Metodologia

Foram entrevistados cinco Potiguara que trabalham no mangue, residentes das aldeias: Jacaré de César, Tramataia e Brejinho; sendo três mulheres e dois homens. Os colaboradores têm faixas etárias entre 29 e 63 anos, níveis escolares que variam entre nunca ter estudado e ter cursado até o Ensino Fundamental Anos Finais e todos começaram a trabalhar no mangue muito jovens.

Os dados coletados com esses Potiguara foram organizados e comparados com dados das dissertações de mestrado: “Conhecimento Ecológico Local, Técnicas de Pesca e Uso dos Recursos Pesqueiros em Comunidades da Área de Proteção Ambiental Barra do Rio Mamanguape, Paraíba, Brasil”, de Creuza Soares Cortez (2010); “Pesca Artesanal: a história, a cultura e os (des) caminhos em Lucena/PB”, de Suana Medeiros Silva (2012) e; “O Léxico do Canto do Mangue”, de Wellington Lopes dos Santos (2010). E os artigos: “O uso dos recursos pesqueiros no estuário do rio mamanguape, estado da Paraíba, Brasil”, de Michelle da Silva Pimentel Rocha, José da Silva Mourão, Wedson de Medeiros Silva Souto, Raynner Rilke Duarte Barboza e Rômulo Romeu da Nóbrega Alves (2008); “Um Paraíso de Água e Lama e o Ofício do Caranguejeiro: Um breve estudo sobre o saber pescar caranguejo no distrito de Várzea Nova – Santa Rita - PB”, de Azemar dos Santos Soares Júnior (2008) e; “ “Caranguejo tem língua?”: um glossário do caranguejo no Maranhão”, de Luciana Araújo Moreira (2009).

Para a comparação, utilizamos também quatro dicionários, sendo eles: Dicionário de Silveira Bueno - Vocabulário Tupi-Guarani Português (1998); Dicionário de Eduardo de

Almeida Navarro - Dicionário Tupi Antigo: A língua indígena clássica do Brasil (2013); Dicionário de Candido de Figueiredo - Novo Diccionário da Língua Portuguesa (1913); e Dicionário Michaelis - online. Esses dicionários foram selecionados com o intuito de compreender a etimologia e a extensão do uso dos itens lexicais coletados.

No total, foram coletados 81 itens lexicais, sendo 11 referentes à categoria "Mangue: solos, tipos e plantas", 26 referentes à categoria "Espécies de crustáceos", 19 referentes à categoria "Características referentes aos crustáceos e à sua pesca", 8 referentes à categoria "Fases da Maré", 7 referentes à categoria "Peixes: espécies e instrumentos de pesca" e 10 referentes à categoria "Outros animais (pássaros e outros)".

Durante as entrevistas realizadas com os colaboradores, além das questões que se referiam aos itens lexicais, foram feitas perguntas a respeito da importância do mangue, de possíveis experiências com o Pai do Mangue e da função do Ser Pai do Mangue.

6 As especificidades do português Potiguara

Ao final do estudo comparativo com os textos acadêmicos, houve 21 (26%) itens lexicais identificados nos trabalhos analisados que aparecem nos dados dos colaboradores, a saber: 'Tamaru', 'Amoré', 'Siri cagão', 'Goiamum', 'Porocotó', 'Covo', 'Aratu', 'Redinha', 'Puçá', 'Caranguejo', 'Pitimboia', 'Maré morta', 'Maré grande', 'Maré de lançamento', 'Maré de quebramento', 'Jereré', 'Loca', 'Maruim', 'Preamar', 'Siri', 'Chama maré'. Dentre esses itens, apenas 11 (13.6%) foram vistos em mais de um dos textos analisados: 'Goiamum', 'Amoré', 'Maré grande', 'Maré morta', 'Maré de lançamento', 'Covo', 'Aratu', 'Redinha', 'Siri', 'Pitimboia' e 'Jereré'. Interessante ressaltar que essas palavras são as mais comuns/usuais no que se refere à pesca e ao trabalho no mangue.

No que se refere aos itens lexicais usados por nossos colaboradores que foram encontrados nos dicionários de Tupi, tivemos um total de 13 (16%), sendo eles: 'Aratu', 'Goiamum', 'Puara', 'Siri', 'Tamaru', 'Loca', 'Amoré', 'Puçá', 'Aracuã', 'Socó-boi', 'Tamatião', 'Guaxinim', 'Maruim'. O uso de palavras de origem Tupi por nossos colaboradores, reverbera tanto a influência dos itens lexicais de origem Tupi no Brasil de um modo geral. Além disso, o uso desses itens pelos nossos colaboradores é um reflexo da presença da língua Tupi no contexto Potiguara, apesar de usarem majoritariamente palavras da língua portuguesa.

Já no que se refere aos itens lexicais encontrados somente nos dicionários de língua portuguesa, foram encontrados 15 (18%), sendo eles: 'Embatumar', 'Caranguejo', 'Chama maré', 'Maçunim', 'Gaita', 'Engranzado', 'Barroca', 'Preamar', 'Barranco', 'Pitimboia', 'Covo', 'Zangarelha', 'Jereré', 'João-pobre' e 'Cambonje'. Apesar de haver 15 palavras encontradas nos dicionários de língua portuguesa, a definição dos dicionários não contempla aspectos relacionados ao mangue. Percebemos que eles, geralmente, apresentam definições amplas sem a contextualização. Além disso, foi visto que as definições são simplificadas.

A respeito das palavras não encontradas nas entradas lexicais dos dicionários analisados, foram 53 (65%). Os itens lexicais não encontrados foram: 'Mangue ariado', 'Mangue duro', 'Mangue atoleiro', 'Mangue mole', 'Canoé', 'Sapateiro', 'Mangue manso', 'Lápis', 'Canetinha', 'Porocotó', 'Arastovis', 'Araeu', 'Arastévis', 'Buzana', 'Siri pimenta', 'Siri leme', 'Mufada', 'Bunda', 'Caranguejo sal', 'Tesoureiro', 'Tesourão', 'Maçunim preto', 'Siri cagão', 'Catapu de dedo', 'Catapu de tampo', 'Mela pau', 'Redinha', 'Morão', 'Maçunim branco', 'Redinha batida', 'Caranguejo malhado', 'Caranguejo batido', 'Caranguejo ininhado', 'Caranguejo de leite', 'Caranguejo tapado', 'Tapagem', 'Encangado', 'Siri de alagado', 'Siri de alago', 'Siri de seco', 'Furiba', 'Maré de lançamento', 'Maré de quebramento', 'Maré

ISSN 1983-9979
prolíngua

grande', 'Maré morta', 'Maré choca', 'Maré vazando', 'Maré vazante', 'Pesca de lampião', 'Tomada', 'Guaxelo', 'Guaxite' e 'Muruim'.

Dentre os itens coletados em nossa pesquisa, houve uma porcentagem mínima encontrada em outros trabalhos. Ter ciência dos itens lexicais que não coincidem com os listados por nossos colaboradores, assim como os itens que coincidem, nos traz a noção de particularidade do português Potiguara. Sugerimos que a falta dos termos usados por nossos colaboradores nos dicionários de língua portuguesa ou a inexistência de definições referentes ao mangue podem estar relacionadas à imagem de marginalização que, muitas vezes, são atreladas aos manguezais. Além de ser um ambiente muitas vezes desconhecido por muitos não indígenas, o mangue é frequentemente associado à ideia de "sujeira" em razão das lamas que compõem seu solo e das representações sociais relacionadas ao seu baixo status.

6.1 Língua e identidade

Para além dos itens lexicais, também analisamos trechos de narrativas dos colaboradores. Ao longo da análise das perguntas, percebemos temáticas semelhantes abordadas pelos colaboradores[5], como: 'o mangue como ecossistema fundamental no território'; 'o mangue como principal meio de sobrevivência'; 'o trabalho no mangue como sendo um trabalho cansativo'; e 'o mangue como lugar de cura'.

A respeito do tema mangue como ecossistema fundamental no território, o Colaborador 1 relatou:

> O[6] mangue tem tanta importânça no mundo aqui pra gente que pur sinal a riqueza daqui é o mangue. Num ixiste órgão mais rico que o mangue aqui, pra todo mundo [...] o mangue é tão rico que o próprio pescadô num sabe a riqueza que tem na mão [...] Num tem coisa mais importante, primeramente aqui na gente a saúde, segundo o mangue.

Com esse discurso, o colaborador 1 transparece sua percepção sobre a importância do mangue e do quanto ele deve ser valorizado. Compreendemos que a fala do Colaborador em questão, a respeito da importância do mangue, tem relação com a relevância do mangue para os Potiguara e para outras comunidades que tiram seu sustento do mangue, mas também, principalmente, com relação à gratidão para com os benefícios que o mangue o proporcionou ao longo de sua vida.

Vale acrescentar ainda a relação de importância que o colaborador faz entre saúde e o mangue, ao dizer que "mais importante que o mangue é apenas a saúde". Destacamos ainda que o colaborador não se remete à importância do mangue apenas para a pessoa dele ou para sua família, pois quando ele explica "primeramente aqui na gente a saúde", ele traz a ideia de lugar, sendo assim, o mangue constitui o território.

Ainda referente ao tema mangue como ecossistema fundamental no território, a colaboradora 2 afirmou que "o mangue é uma sobrevivência, a maré é uma sobrevivência que todo mundo deve dar muito valor, porque é a melhor natureza é o mangue, é a maré". Assim como o colaborador 1, a colaboradora 2 viveu por décadas do trabalho no mangue, pois desde criança começou a tirar seu sustento dele. Desse modo, é possível afirmar que sua declaração esteja pautada em uma visão coletiva, por perceber que o mangue é um ecossistema

[5] Algumas temáticas coincidem com o discurso de todos os colaboradores, entretanto, há temáticas que foram notadas apenas no discurso de alguns colaboradores.

[6] Os trechos das narrativas mantêm a variedade linguística dos colaboradores.

fundamental para os Potiguara. A colaboradora reflete também sobre o valor que deve ser dado ao mangue, uma vez que a referida destaca o mangue como sendo, em seu ponto de vista, o melhor ecossistema.

Prosseguindo no tema 'mangue como ecossistema fundamental no território', a colaboradora 4[7] esclareceu que para ela "o mangue é tipo uma mãe pras pessoas que gosta de conviver lá... É muito importante isso pra gente". O discurso da colaboradora 4, assim como dos colaboradores 1 e 2, faz vinculação à realidade tanto individual quanto coletiva. Ao mencionar a palavra "mãe", a colaboradora nos faz interpretar diversos significados, entre eles, a ideia de criação, cuidado, doação, proteção e amor. Além disso, sua fala nos remete também à ideia de conexão e de proximidade com o ecossistema mangue.

Sobre o tema 'mangue como principal meio de sobrevivência', o colaborador 1 explanou: "O mangue criô muita gente já" e indagou com tom de afirmação: "Quantas pessoa hoje num ta aqui encima da terra que sobreviveu derna de criança desse mangue?!". As palavras do colaborador 1 são um espelho do quanto ele foi auxiliado pelas riquezas que o mangue tem a oferecer, pelo fato dele ter sido criado lá e ter criado seus filhos a partir do mangue, bem como devido ao seu conhecimento a respeito de demais pessoas que trabalham no mangue e/ou já trabalharam nele e se mantiveram financeiramente a partir dele.

A colaboradora 2 expressou que "o mangue é uma sobrevivência, o mangue e a maré é uma vida pra cada um que vive dela". As palavras da colaboradora 2 fazem-nos refletir a respeito da fundamentalidade do mangue para a colaboradora, bem como para os demais Potiguara que vivem dos benefícios desse ecossistema. Dizer que o mangue é uma vida para quem vive dele é justamente dizer que o mangue é essencial e indispensável tanto para si quanto para os demais que usufruem dos benefícios doados pelo mangue.

Na fala do colaborador 3 é justificada a importância do mangue da seguinte forma: "É de lá do mangue que eu tiro o sustento aqui da minha famía". Destacamos que, durante a entrevista ele se mostrou bastante emocionado, podendo ser este o motivo para uma resposta tão simples e ao mesmo tempo forte. Acreditamos que sua emoção no momento em que foi perguntado a respeito do mangue, deu-se devido ao fato de o colaborador ter sido criado a partir do mangue e hoje sustentar sua família por meio dele, sendo o mangue seu único meio de vida.

A colaboradora 4, por sua vez, expressou que "o mangue bem dizê é uma sobrevivência, né?! pra algumas pessoas que não tem uma renda, que não tem uma pessoa que ajude". O relato da colaboradora reforça o relato dos demais e enfatiza a importância do mangue, especialmente, por promover a possibilidade de sustentar-se financeiramente.

A colaboradora 5 evidenciou "que num fô o mangue e a maré ninguém num vevi aqui". As palavras da colaboradora 5 impactam nossa análise, uma vez que a mesma demonstra em suas palavras que o mangue além de ser um meio de sustentar-se e sustentar a família, para muitos é a única possibilidade de sobrevivência.

No que tange ao tema 'o trabalho no mangue como sendo um trabalho cansativo', o colaborador 1, destacando a importância do mangue, relatou: "o pescador... o pescador do mangue não tem do que reclamar não. Reclama sim, que é sofrido, é sofrido… é cansativo. Mai que é uma riqueza que tem ali é, por isso que eu acho importante demai". Em suas afirmações, o colaborador traz dois pontos importantes, o fato de que o trabalho no mangue é cansativo e a realidade de que mesmo sendo cansativo, o pescador que trabalha no mangue pode considerar-se uma pessoa privilegiada, tendo em vista as inúmeras possibilidades que o mangue pode proporcionar.

[7] Não há menção à fala dos colaboradores 3 e 5, pois suas respostas não abordaram a temática em questão.

ISSN 1983-9979
prolíngua

Também sobre esse aspecto a colaboradora 5 disse: “Eu sempe digo a meus fio que, ói, a maré e o mangue é bom, é bom de trabaiá, mai tem a hora, tem os dia. Infada muito, mai é bom”. Assim como o relato do colaborador 1, a colaboradora 5 além de enfatizar mais de uma vez o quanto o mangue tem seus benefícios, esclarece que o trabalho no mangue é cansativo. Sobre esse ponto, compreendemos que o trabalho no mangue é árduo, contudo, devido a seus grandes benefícios, trabalhar nele é bom e vale a pena.

Referente ao tema ‘o mangue como lugar de cura’, a Colaboradora 2 mencionou: “Eu vivi muitos anos trabalhano no mangue e graças a Deus foi quando eu sinti saúde, parece que quanto mais eu trabalhava mais bem eu ficava e num me quexava de dor, eu num me quexava de nada, sabe?!”. Apesar do mangue ter sido mencionado anteriormente por alguns colaboradores como ambiente que causa cansaço e desgaste, a colaboradora 2 não mencionou tal problemática, pelo contrário, afirmou que, ao longo dos anos, percebeu benefícios para sua saúde e bem-estar ao trabalhar no mangue. O resultado de seu bem-estar pode ser devido à sua conexão com o mangue, bem como à sua conexão com o ser encantado que nele habita. Desse modo, o mangue é um lugar que transmite espiritualidade e cura.

A colaboradora 5 relata “a importânça do mangue... que eu acho bom. Se num fô o mangue... eu acho que... eu num sei não... eu acho que pa ir pôtus canto num é bem bom não. Eu gosto! Eu me sinto bem quando eu vô po mangue”. Em seu discurso, a colaboradora evidencia dois fatores essenciais relacionados a ela e ao mangue e à relação entre os dois. Primeiro, o trabalho no mangue é tão bom ao ponto dela não se imaginar trabalhando em nenhum outro ecossistema ou outros possíveis trabalhos além do mangue. Segundo, a colaboradora menciona mais de uma vez que gosta de ir para o mangue e finaliza enfatizando que se sente bem quando vai ao mangue. Vale lembrar que no tema anterior, a mesma colaboradora relatou que explica para seus filhos que, mesmo o trabalho no mangue sendo árduo, há uma relação de conexão e de familiaridade com o mangue por parte dela.

Os relatos analisados coincidem com a explanação de Palitot (2020) de que o manguezal é para os Potiguara um dos ecossistemas mais importantes do território e para a vida da comunidade; e com a afirmativa de Araújo (2023) de que os ambientes que compõem o território Potiguara da Paraíba são repletos de simbologia, não se resumindo apenas à relação financeira que tal lugar pode promover.

Há centenas de anos, os Potiguara mantêm contato com os mangues existentes em seu território. Seja por meio da língua de seus antepassados, seja por meio do uso do português, os Potiguara continuaram tendo contato incisivo com o manguezal e nomeando os seres nele existentes, seus tipos, características, tamanho, local de morada, tempo de vida, formas e técnicas de captura entre outros (Soffiati, 2023). Como mencionado pelas autoras Maher (1996) e Gorete Neto (2005, 2021, 2022), as nomeações feitas refletem exatamente sobre as vivências, saberes e memórias que esse povo carrega. Fato observado na análise dos itens lexicais dos indígenas que se relacionam com o mangue e sua identidade de pertencimento com o lugar. O conhecimento dos Potiguara, colaboradores desta pesquisa, reforça a ideia de identidade criada/preservada a partir da língua. Portanto, a relação dos colaboradores com o mangue verificada tanto em trechos de suas falas como nos itens lexicais empregados apresenta a autonomia sobre o trabalho e sobre o território desse trabalho, o qual, concomitantemente, está ligado à sua relação com a natureza, assim como é explicitado pelos autores Cardoso e Guimarães (2012) e Araújo (2017, 2018).

7 Considerações Finais

Diante dos dados expostos, podemos inferir que os colaboradores desta pesquisa possuem grande conhecimento a respeito do campo semântico mangue, dos seres que nele habitam e as técnicas e instrumentos para a "pega" dos seres que nele habitam. Abrangemos tal afirmação para os Potiguara da Paraíba, uma vez que nossa inferência coincide com a menção de Araújo (2017, 2018) ao referir-se que é necessário grande conhecimento para trabalhar no mangue, afirmando que o povo Potiguara é detentor dele. Os colaboradores não somente trabalham, mas observam e se conectam diretamente com esse ambiente e com a abrangência de seres e de aspectos que o compõem. O conhecimento se dá também devido ao fato de que há centenas de anos, quando todos ainda falavam a língua Tupi, seus antepassados já o frequentavam e, mesmo após a imposição da língua portuguesa, esse ambiente não deixou de ser ocupado pelos Potiguara da Paraíba e ser entrelaçado pelas linguagens marcadas no território e em suas territorialidades.

Acreditamos que, devido à secularidade de contato dos Potiguara com o mangue, os 26% dos itens lexicais coletados em nosso estudo que coincidiram com itens mencionados nas publicações acadêmicas analisadas, são frutos da influência dos ancestrais da língua Tupi, os Potiguara. Das 81 palavras que coletamos com os colaboradores, 16% foram encontradas em dicionários de Tupi e 18% nos dicionários de língua portuguesa. Do total, 65% das palavras não foram encontradas nas entradas lexicais dos dicionários analisados e 58% dos itens lexicais não foram encontrados em nenhum material usado nesta pesquisa, o que nos leva, a partir dessa análise inicial, a noção de singularidade e especificidade de parte do vocabulário Potiguara.

Os resultados nos mostraram que a identidade de um povo é observada nas categorias sociais, culturais, linguísticas e históricas, no funcionamento da língua com o território e seus ancestrais. Os Potiguara da Paraíba carregam um repertório linguístico que reflete identidade étnica, histórica e social que identificam o povo Potiguara, uma vez que os itens lexicais utilizados no falar dos referidos demonstram as peculiaridades existentes desse povo, revelando as memórias e as narrativas vivas da ancestralidade cultural e linguística do povo.

Ressaltamos, por fim, que o trabalho de campo desenvolvido conteve limitações metodológicas que restringiram a obtenção de dados lexicais de falantes com maior proximidade territorial dos Potiguara da Paraíba. Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de aprofundamento dessa temática em investigações futuras, a fim de ampliar o *corpus*, alcançar resultados mais abrangentes e complementar as contribuições obtidas neste estudo. Espera-se, assim, que novos estudos possam aprofundar os resultados aqui apresentados.

Referências

ARAÚJO, Marianna de Queiroz. **Ecologia doméstica e transação de conhecimento entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB**. 151f. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

ARAÚJO, Marianna de Queiroz. A constituição social da categoria caranguejeiro entre os Potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB. **Equatorial**, Natal, v. 5, n. 9, p. 155-175, 2018.

ARAÚJO, Marianna de Queiroz. **Organização doméstica, mulheres e suas habilidades técnicas**: uma etnografia entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá (Paraíba). 241f.

2023. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

BANDEIRA, Alípio. **Relatorio referente aos indios remanescentes da Bahia da Traição, a nordeste da Parahyba**. Rio de Janeiro: Museu do Índio/ SEDOC, 1920.

BARCELLOS, Lusival. **Práticas Educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba**. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, p. 385, 2012.

BERNARDO, Cristina de Lima. **Práticas agrícolas e saberes locais do povo potiguara da Paraíba: espaço e produção de alimentos a partir da mandioca**. 163f. 2023. Dissertação (Mestrado em antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2023.

BRAGA, Emanuel Oliveira. **Histórias indígenas e mitos restauradores**: os Potiguaras entre santos, festas e ruínas. 403f. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2019.

BUENO, Silveira. **Vocabulário Tupi-Guarani Português**. 6 ed. São Paulo: Éfeta Editora, p. 688, 1998.

CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriella Casimiro. **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba**. 1 ed. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, p. 107, 2012.

CORTEZ, Creuza Soares. **Conhecimento ecológico local, técnicas de pesca e uso dos recursos pesqueiros em comunidades da área de proteção ambiental barra do rio Mamanguape, Paraíba, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal da Paraíba, 2010.

FELIX, Iranilza Cinesio Gomes. **A Alteridade e a Espiritualidade dos Universitários Potiguara da Paraíba**. 91f. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.

FIGUEIREDO, Candido. **Novo Diccionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. The Project Gutenberg EBook, p. 2164, 1913.

GERLIC, Sebastián; ZOETTL, Peter Anton. **Índios na visão dos índios**: Potiguara. 1 ed. Salvador: Thydêwá, p. 68, 2011.

GOMES, Ivanilza Cinesio. **Estudos do Léxico Potiguara (PB)**: linguagens do mangue e identidade. 122f. 2025. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025.

GORETE NETO, Maria. **Construindo interpretações para entrelinhas**: cosmologia e identidade étnica nos textos escritos em português, como segunda língua, por alunos indígenas Tapirapé. 129f. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GORETE NETO, Maria. As línguas faladas pelos indígenas: o caso da língua portuguesa. In: COSTA, Patrícia Luíza. **Educação d.C**: o papel das mulheres nesse desafio. Belo Horizonte: Parimpar, 2021, p. 89-100.

GORETE NETO, Maria. Reflexões sobre o português falado por povos indígenas: resistência e ressignificação. **Faeeba**, Salvador, v. 31, n. 67, p. 214-231, 2022.

GUMPERZ, John; COOK-GUMPERZ, Jenny. Introduction: language and the communication of social identity. In: GUMPERZ, J. J. **Language and social identity**. Cambridge University Press, 1982. p. 1-21.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In: RUTHERFORD, J. **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990. p. 222 – 237.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, p. 97, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**: Etnias e línguas indígenas Principais características sociodemográficas: Resultados do universo. 1 ed. Rio de Janeiro: IBGE, p. 352, 2025.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica do Ecossistema Manguezal**. 1 ed. Brasília: ICMBIO, p. 16 2015.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. **Ser professor sendo índio**: questões de língua(gem) e identidade. 262f. 1996. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 115-138.

MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. **Território de Memória e Territorialidades da Vitória dos Potiguara da aldeia Três Rios**. 217f. 2009. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MOONEN, Frans. História da conquista do território Potiguara: 1500 a 1985. In**: Cadernos Paraibanos de Antropologia**. João Pessoa: Instituto Socioambiental, 1986, p. 83-101.

MOONEN, Frans; MAIA, Luciano Mariz. **Etnohistória dos índios Potiguara**: ensaios, relatórios, documentos. 1 ed. João Pessoa: Procuradoria da República na Paraíba Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, p. 412, 1992.

MOREIRA, Luciana Araújo. **"Caranguejo tem língua?"**: um glossário do caranguejo no Maranhão. Signum: Estudos da Linguagem: Londrina, v. 12, n. 1, p. 217-235, 2009.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário Tupi Antigo**: A língua indígena clássica do Brasil. 1 ed. São Paulo: Global, p. 677, 2013.

PALITOT, Estevão Martins. **Os Potiguara da Baía da Traição de Monte-Mór**: história, etnicidade e cultura. 270f. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

PALITOT, Estevão Martins. A Territorialidade dos Potiguara de Monte-Mór: regimes de memória, cosmologia e tradições de conhecimento. **Revista Mundaú**, n.8, p.115-138, 2020.

PEREIRA, Antônio Alberto. et. al**. História, Cultura e Sustentabilidade do Vale do Mamanguape: livro paradidático para a Educação Básica**. 1 ed. João Pessoa: Editora UFPB, p. 212, 2020.

ROCHA, Michelle da Silva Pimentel et.al. O uso dos recursos pesqueiros no estuário do rio mamanguape, estado da Paraíba, Brasil. **Interciência**: Caracas, v.33 n.12, p. 903-910, 2008.

SANTOS, Wellington Lopes dos. **O léxico do canto do mangue**. 173f. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, 2010.

SILVA, Marcio Ferreira. A conquista da escola: Educação escolar e movimento de professores indígenas no Brasil. **Em Aberto:** Brasília, v. 14, n. 63, p. 38-53, 1994.

SILVA, Suana Medeiros. Pesca artesanal em Lucena: a história, a cultura e os (des) caminhos em Lucena/PB. 94f. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, 2012.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. **Um Paraíso de Água e Lama e o Ofício do Caranguejeiro**: Um breve estudo sobre o saber pescar caranguejo no distrito de Várzea Nova – Santa Rita - PB. In: ENCONTRO ESTADUAL DA ANPUH HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA: ENTRE O NACIONAL E O REGIONAL, 13 ed., 2008. História, Memória e Patrimônio Cultural. Guarabira: Universidade Estadual da Paraíba. p. 1-13.

SOFFIATI, Arthur. Breve história das relações das sociedades com os manguezais no Brasil. **Ambientes**. v. 5, n. 1, p. 172-195, 2023.